

**FAZER-SE DOCENTE NA UERJ: ASSOCIATIVISMO EM MOVIMENTO E A I GREVE
UNIVERSITÁRIA (1977/80)**

**BECOMING A TEACHER AT UERJ: ASSOCIATION IN MOVEMENT AND THE FIRST
UNIVERSITY STRIKE (1977/80)**

**CONVERTIRSE EN PROFESOR EN LA UERJ: EL ASOCIACIONISMO EN
MOVIMIENTO Y LA PRIMERA HUELGA UNIVERSITARIA (1977/80)**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n11-324>

Data de submissão: 26/10/2025

Data de publicação: 26/11/2025

Carlos Eduardo Martins da Silva

Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana

E-mail: cadumartinsprofessor74@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-5376-3329>

RESUMO

Este trabalho pretende colaborar para a compreensão da construção da identidade docente nos quadros da universidade em questão, no período final da ditadura empresarial-militar e os primeiros momentos da década de 1980. Período de redemocratização da sociedade brasileira, portanto, entre as primeiras reuniões clandestinas (1977) até a consolidação da Asduerj como entidade representativa e a primeira grande greve (1980). Esse movimento grevista foi fundamental para a consolidação da associação docente, a Asduerj, enquanto entidade representativa da categoria docente, no momento que a universidade contava com uma disputa política entre dois campos de visão no seio do movimento sindical com a existência simultânea de duas associações : Asduerj e Apuerj. Nesse processo, colocamos em diálogo a relação entre o processo de construção da entidade representativa dos docentes com a própria constituição identitária da categoria docente da Uerj. Partimos das contribuições do historiador inglês E. P. Thompson e do trabalho sobre a origem e gênese da Uerj realizado pela professora Deise Mancebo (1996) para dialogar com os ricos depoimentos dos entrevistados. Acreditamos que a memória dos sujeitos históricos nos levará à intensidade dessa dimensão, essencialmente coletiva, de constituição do movimento docente da trajetória da própria Uerj.

Palavras-chave: Associativismo Docente. Greve. Asduerj. Uerj.

ABSTRACT

This paper aims to contribute to an understanding of the teacher's identity construction in this university staff at the end of the business-military dictatorship and the first moments of the 1980s. It was a re-democratization period in Brazilian society, therefore, between the first clandestine meetings (1977) and the consolidation of Asduerj as a representative body and the first major strike (1980). This strike movement was fundamental for the consolidation of the teachers' association, Asduerj, as a representative body for the teacher's category. At this time the university was facing a political dispute between two visions within the trade union movement, with the simultaneous existence of two associations: Asduerj and Apuerj. In this process, we discuss the relationship between the process of constructing the teachers' representative body and the very identity constitution of the Uerj teacher category. We draw on the contributions of the English historian E. P. Thompson and the Professor Deise Mancebo's work (1996) on the origin and genesis of Uerj to dialog with the rich testimonies of

the interviewees. We believe that memory of historical subjects will lead us to the intensity of this dimension essentially collective of this teacher's movement constitution and the Uerj trajectory itself.

Keywords: Teachers' Associations. Strike. Asduerj. Uerj.

RESUMEN

Este trabajo pretende contribuir a la comprensión de la construcción de la identidad del profesorado en la universidad en cuestión, durante el período final de la dictadura militar y principios de la década de 1980. Este período coincide con la redemocratización de la sociedad brasileña, abarcando las primeras reuniones clandestinas (1977) hasta la consolidación de Asduerj como entidad representativa y la primera huelga importante (1980). Este movimiento huelguístico fue fundamental para la consolidación de la asociación de profesores, Asduerj, como entidad representativa de la profesión docente, en un momento en que la universidad experimentaba una disputa política entre dos puntos de vista opuestos dentro del movimiento obrero, con la existencia simultánea de dos asociaciones: Asduerj y Apuerj. En este proceso, exploramos la relación entre la construcción de la entidad representativa del profesorado y la propia formación de la identidad de la profesión docente en la UERJ. Nos basamos en las contribuciones del historiador inglés E. P. Thompson y en el trabajo sobre el origen y la génesis de la UERJ (Universidad Estatal de Río de Janeiro) realizado por la profesora Deise Mancebo (1996) para analizar los valiosos testimonios de los entrevistados. Creemos que la memoria de los sujetos históricos nos conducirá a la intensidad de esta dimensión esencialmente colectiva de la constitución del movimiento docente dentro de la propia trayectoria de la UERJ.

Palabras clave: Asociación de Profesores. Huelga. Asduerj. UERJ.

1 ASSOCIATIVISMO EM MOVIMENTO

Entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, importantes categorias sociais começam a se reorganizar e iniciam intensas mobilizações, por salário, condições justas de trabalho e defesa da democracia. Segundo Santos,

o contexto social foi o principal fator. A ditadura militar governava o país enquanto o processo de luta procurava reorganizar inúmeras entidades, havia lutas da sociedade, pela anistia ampla, geral e irrestrita, por uma constituinte livre e soberana e pelas eleições diretas para a presidência da República. A Asduerj integrou-se às lutas sociais e surgiu do seu desenvolvimento (SANTOS, 2010, p. 8. Revista Advir nº 24).

Na UERJ, em meados de 1978, o prof. Ricardo Santos, inicia o movimento de convocação de alguns professores para reuniões “clandestinas” e começa o movimento de formação da Apuerj, assim foi criada, pelos professores da área biomédica, a comissão pró-Apuerj, composta por: Ricardo Santos, Waldinez Lima de Oliveira, Antônio Carlos de Carvalho e, logo em seguida, José Eustáquio Bruno.

Então a partir dali nós [fizemos] gol a gol, como é que nós [fizemos] para ampliar isso (...)?
Então, vamos dizer, tentamos fazer reuniões um pouco maiores, surgiu o Bruno dentro do hospital, foi (...) a primeira pessoa talvez fora do Instituto de Biologia a se incorporar (Entrevista realizada com Ricardo Santos, em 02/04/2012).

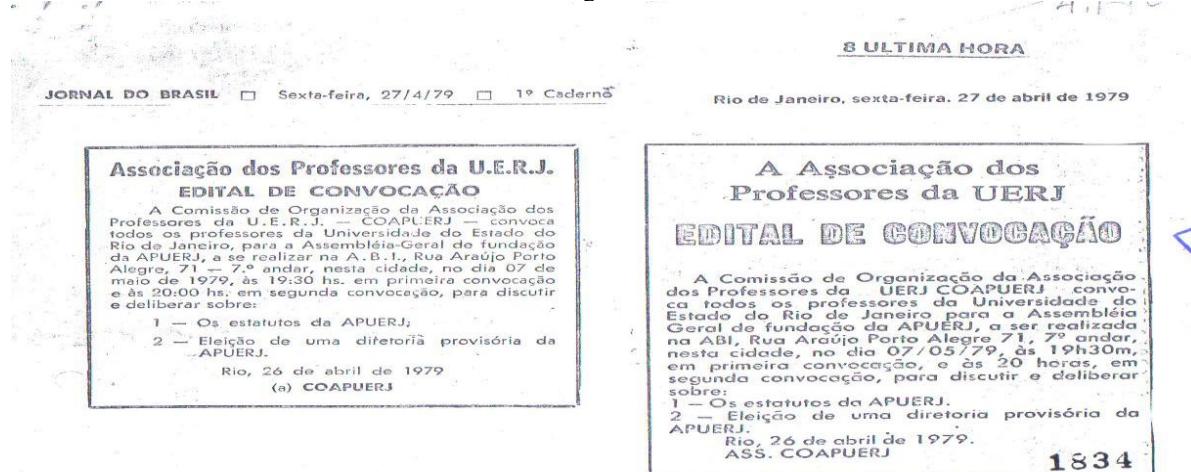
Como a repressão política no *campus* Maracanã era muito intensa, as primeiras reuniões clandestinas aconteciam no Centro Biomédico. No campus do Maracanã, espaço de maior vigilância pelas autoridades, foram convocados alguns professores com trajetória de esquerda, estes eram reconhecidos pelos professores militantes da área biomédica como: Ronaldo Coutinho (direito) e Antônio Carlos Ferrão (ciências Sociais), mas participaram de poucas reuniões alegando intensa repressão política. A leitura do professor Santos é elucidativa:

Eles apenas acompanharam essa fase inicial, mantiveram contatos, mantiveram-se informados e tudo, mas não foram ativos na organização dessa fase inicial, o Ronaldo Coutinho e o Ferrão. Participaram assim de uma reunião ou outra nesta fase, mas foram importantíssimos a partir da Assembleia da Reitoria (Entrevista realizada com Ricardo Santos, em 02/04/2012)

Em função da mobilização dos s primeiros e da possível mobilização em torno dessa associação que estava em seu nascedouro, o poder central da universidade (reitoria) organiza um grupo de professores de sua confiança para organizar uma entidade de professores vinculados à reitoria: Ivair Radmacker, Omir Fontoura, Evanildo Bechara e Tarcísio Padilha, com o intuito de dividir o movimento associativo e, assim, enfraquecer e controlar o movimento dos professores da universidade.

Os professores vinculados à reitoria copiaram o edital da Coapuerj e convocaram a categoria para uma assembleia¹ na universidade, dias antes da reunião convocada pelo grupo dos “autênticos”. É interessante ler as convocações da Comissão autêntica da Apuerj (posteriormente Asduerj) e da Apuerj, abaixo:

Figura 1



Fonte: Arquivo do Sinpro/RIO

Figura 2



Fonte: Arquivo do Sinpro/RIO

As publicações no Jornal do Brasil e no jornal A Última Hora datam de 27/04/1979 e convocam a categoria para a assembleia a ser realizada na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e são assinadas pela Comissão Autêntica pró-Apuerj que acabara fundando a Asduerj. O terceiro recorte é do Jornal do Brasil do dia 02/05/79 e é assinada por uma comissão organizadora no dia 30/04/79,

¹ A assembleia de fundação da Apuerj, na Uerj, contou com a presença de 400 professores e a assembleia de fundação da Asduerj, na ABI, contou com a presença de 92 professores.

convocando a categoria docente para a participação de uma assembleia no auditório 71 da própria universidade.

As principais diferenças estão exatamente nas datas e nos locais que sugerem claramente posicionamento políticos distintos. A reitoria cedeu a listagem de professores da universidade e a estrutura física (auditório e som) para a Apuerj (ligada ao poder). O próprio vice-reitor Fernando Sgarbi Lima se fez presente na assembleia de fundação. A fala do professor Ricardo Santos nos fornece pistas sobre a presença do Vice-Reitor na fundação da Apuerj e o processo sucessório da reitoria na virada do final dos anos 1970 e início dos anos 1980. É interessante a leitura que este professor faz do processo de formação das associações representativas:

Nós não estávamos ligados à questão da disputa do poder. E surgiu uma paranoia dentro da reitoria de que nós estávamos fundando isso em função de um processo sucessório, interferindo em um processo sucessório, quando nós não estávamos. Quando nós éramos militantes dos docentes, militantes do movimento social (entrevista realizada com Ricardo Santos, em 02/04/2012).

Na entrevista com o prof. Ricardo Santos, devido ao significado político e acadêmico daqueles que participaram do processo de fundação da Apuerj e a relação direta com o poder central, perguntei sobre a presença do Vice-Reitor nesse processo de fundação da Apuerj:

(...) era uma pessoa que teve um passado até progressista. (...) O professor Omir Fontoura, que foi meu professor de Zoologia no CAP-UERJ, sentou ao lado do Arnaldo Niskier que era o Secretário Estadual de Educação, na assembleia de fundação da Apuerj da Reitoria e quando eu cheguei com a comissão, o Bruno, o Ferrão, Antônio Carlos, Waldinez, um grupo restrito, pois não convocamos o restante do pessoal, chegou para se pronunciar. (...) quando nós chegamos o professor Omir Fontoura (...) levantou e me colocou ao lado do Arnaldo Niskier. Olha, estava muito claro, era uma coisa que parecia planejada (...). Depois desta Assembleia e da nossa veio a proposta de fusão ... a qual nós não aderimos. Então veja, ali na conversa com o Professor Arnaldo Niskier eu fui (...) lá e disse: eu lhe conheço, eu fui do Colégio de Aplicação. Surgiu pequena conversa, então na hora que eu pedi a palavra, quem autorizou, me autorizou a falar com a cabeça foi ele, dirigindo-se ao professor Evanildo Bechara, nome ilustre da Academia de Letras, que presidia a Assembleia. (...) Estava nessa posição. Então houve um conjunto de pessoas ali, por motivos vários, não vou dizer que só políticos, que assumiram uma posição conservadora. Mas não estou dizendo que todos tinham um perfil conservador, isso aí teria que (...) pesquisar mais essa questão. Mas naquele momento eles construíram uma posição retrógrada (...) a favor de uma associação pelega, a favor de uma universidade que se compunha – ao nível da criação de uma entidade - pelo que estava anteriormente, ou seja, com generais, com a ditadura e não com o que estava por vir (entrevista realizada com Ricardo Santos, em 02/04/2012).

É instigante pensar no processo de constituição da Apuerj, naquele momento histórico. Algumas pessoas que não eram, *a priori*, conservadoras tomaram uma posição retrógrada naquele momento, vamos à posição do professor Bruno sobre a fundação da Apuerj:

Mesmo assim você tinha muito percalço. Então, como exemplo, como eu estava dizendo para você, o que ... eles fizeram? Chamaram dentro da associação que eles montaram, chamaram os professores e como você tem um chefe que te chama é muito difícil falar: eu não vou lá. Até por uma questão de sobrevivência, de auto preservação, a pessoa vai, ela pode até não estar simpatizando com aquilo e não dê nenhum tesouro para aquele barco (...) (Entrevista realizada com José Eustáchio Bruno, em 20/03/2012).

É interessante destacar as contradições presentes na fundação da Apuerj, pois existiam diferentes matizes políticos compondo essa associação, por exemplo, nela estava presente o professor e coronel da Aeronáutica Nereu de Mattos Peixoto, reconhecidamente uma pessoa vinculada ao sistema repressor da ditadura civil-militar. Nesse caminho, merece destaque o artigo: tortura no contexto do regime militar de autoria do prof. Amarílio Ferreira Junior do Departamento de Educação/UFSCAR, nesse artigo ele afirma:

O jornal O Estado de São Paulo noticiou que o despacho do juiz-auditor Osvaldo Lima Rodrigues Junior, da 1^a Auditoria Militar, concluiu que eram passíveis de indiciamento e denúncia, no caso do assassinato do deputado Rubens Beirolt Paiva, os seguintes integrantes das Forças Armadas brasileiras: "o brigadeiro João Paulo Burnier; os coronéis do Exército Ney Mendes e Francisco Domingos Santos Cardoso; o coronel da Aeronáutica Nereu de Mattos Peixoto; os tenentes-coronéis do Exército Ronaldo José da Motta Baptista de Leão e Armando Avólio Filho (recentemente afastado do cargo de adido militar da embaixada do Brasil em Londres, por envolvimento em tortura (disponível em <http://www.olhar.ufscar.br/index.php/olhar/article/viewFile/55/47>, acesso dia 10 de dezembro de 2012) (grifo meu).

Por outro lado, destaca-se na fundação da Apuerj a participação de professores que representam uma visão política progressista e que depois participaram da diretoria da Asduerj. Com relação a alguns professores que participaram da Apuerj, o professor Ricardo Santos nos revela o seguinte:

Olha, a professora Lená e a professora Tânia (Castro Neto) que evoluíram muito daquela época para hoje, elas se não me engano, estavam ambas no Colégio de Aplicação. (...) se situaram juntas com a APUERJ na ocasião. A Tânia inclusive era da diretoria, se não me falha a memória, e sentavam juntas em cima, do lado direito de quem olha da mesa da assembleia e faziam ali suas votações. (...) Então, a Lená, a Tânia, elas estavam ali e naturalmente houve muita gente que estava junto dessa corrente de pensamento da época, como uma questão corporativa, por uma questão de favorecimento, por uma questão da luta, que já me referi, pela reitoria. (entrevista realizada com Ricardo Santos, em 02/04/2012).

Percebe-se que as ações da reitoria buscavam claramente confundir a categoria. Porém a reitoria, ao mobilizar parte significativa do professorado a partir da lógica de uma "liberdade negativa", contribuiu, ainda que parcialmente, para a quebra da hegemonia cultural na universidade. Destaca-se, nesse processo, uma contradição interessante, a ação da reitoria que convocou uma parcela significativa de professores, cerca de 400, para uma assembleia sindical sob seu controle político, possibilitou aos professores um espaço para ouvir e participar, ainda que de forma controlada, e acabou

provocando um debate político intenso num contexto societário ainda autoritário. Tanto que a comissão autêntica pró-Apuerj, que viria a fundar a Asduerj após a sigla Apuerj ter sido tomada pela reitoria, “invadiu” a assembleia convocada pelo grupo da reitoria e o prof. Ricardo Santos leu um manifesto explicando o processo para a categoria e criticando a intervenção da reitoria no movimento. O manifesto lido pelo professor explicava, de modo contextualizado, o processo de formação da entidade e sublinhava: “a associação de professores da UERJ deve resguardar sua autonomia e independência, permanecendo como organismo verdadeiramente defensor dos interesses dos docentes”. O manifesto terminava conclamando a categoria: “pela Apuerj autônoma e independente, pela unidade do corpo docente da UERJ e por uma Apuerj representativa e democrática”. É preciso destacar a importância do acontecimento de invasão da assembleia da Apuerj pelos professores militantes dos movimentos sociais. Para enriquecer um pouco mais o relato desse fato, trago a percepção de um ativo participante desse processo, o prof. Bruno:

(...)E aí, eu lembro que a gente furou aqueles bloqueios, e eu me lembro perfeitamente foi o Ricardo que fez o discurso (...). Foi um ato de muita valentia da gente, entendeu? Principalmente do Ricardo, que foi lá na frente, fez um discurso e tal. (...)Mas, por exemplo, quando o Ricardo acabou com isso tudo, aí assumiu Todo mundo, quase todo mundo do auditório (...) aplaudindo, ou seja, nós estamos com vocês, entendeu? Nós não podemos estar agora na linha de frente com vocês, mas estamos com vocês, junto com a gente, sei lá, como se fosse assim, entendeu? (Entrevista realizada com José Eustáchio Bruno, em 20/03/2012)

O jornal do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro publicou, em maio de 1979, na capa, uma nota sobre a fundação da Associação de Docente da UERJ e, na página 05, publicou uma matéria que afirmava que a Associação fundada pelo grupo dos autênticos na ABI era a única entidade representativa dos professores da universidade. Leiam:

Figura 3



Fonte: Arquivo do Sinpro/RIO

O ato político de fundação da entidade docente foi extremamente importante, pois possibilitou o início do processo de experiência sindical da categoria. O relato do prof. Ricardo Santos insere esse processo no contexto de disputa do poder na universidade:

Encontramos as dificuldades e os medos da sucessão do reitor, cuja visão de uma associação docente era a de linha auxiliar do poder. Sentiram também uma ameaça à ordem interna e à linha de sucessão já traçada pelas lideranças do poder vigente. Este é um contexto específico em que ocorreu a fundação da sobrevivente Asduerj, pois a Apuerj foi extinta em outro momento (SANTOS, 2010, p 8. Revista Advir nº 24).

Nessa entrevista o prof. Ricardo Santos também questiona a sucessão da reitoria entre 1979 e 1980 e mostra a disputa política na universidade:

Porque eu acho que foi a maior besteira que o Sgarbi fez na vida (...) essa questão interferiu profundamente na universidade, onde ele já era o reitor virtual, ele tinha o apoio do Roberto, todo o Centro Biomédico o apoiava, o Instituto de Medicina Social o apoiava. Nós não tínhamos nenhuma posição enquanto CoAPUERJ. No entanto, quando ele resolveu se achar todo poderoso e montar a Apuerj, o conflito das entidades teve tal repercussão e ali ele perdeu a reitoria, ele entrou na lista, mas não foi ele o reitor nomeado, pois outro foi o escolhido; tem que ver essa luta, este lado da luta pelo poder foi uma variável importante (Entrevista realizada com Ricardo Santos em 02/04/2012)

O prof. Sgarbi não foi o escolhido para ser Reitor no período de 1980 a 1984, o indicado foi o prof. Nei Cidade Palmeira e o vice-reitor foi o fundador do Instituto de Biologia, Roberto Alcântara Gomes, aliado do professor Fernando Sgarbi e muito próximo de setores da Asduerj. Durante as

eleições à reitoria (1984), o professor Roberto Alcântara terá como seu candidato à vice-reitoria o professor da Faculdade de Direito e ex-vice-presidente da Asduerj Fernando Magalhães Couto.

Sobre a assembleia de fundação da Asduerj, o prof. José Bruno chama a atenção para um aspecto social e político importante nesse processo, diz Bruno:

Número expressivo para uma reunião fora da universidade é um número expressivo. Levar 92 pessoas para ABI no centro da cidade. Então foi uma peleja, foi uma luta com um bom combate, um bom combate. Uma fundação que foi feita com muitas contraposições, com muita... Até encaramos algumas repressões que não chegaram assim a ser um exagero de demissão, isso não existiu (Entrevista com José Eustáchio Bruno, realizada em 20/03/2012).

Assim, a UERJ vive uma interessante dualidade sindical que a leva por múltiplos jogos políticos. Logo após a fundação da Apuerj (03/05/79) e da Asduerj (07/05/1979) aparece uma proposta de junção das entidades, sobre que afirma Ricardo Santos,

Olha, eu acredito que o professor Ricardo Donato, foi o que ocorreu na ocasião que na assembleia de fundação da Asduerj, os nomes surgiu na hora, inclusive o meu, ninguém tinha carta na manga... Nós não tínhamos chapa. Os nomes surgiu na hora. E surgiu o comentário que... E isso foi confirmado que o professor Landmann teria sugerido a nossa diretoria o neurocirurgião, que agora está me escapando o nome dele.”

Entrevistador: Guilherme. Professor Guilherme.

Continuando: Guilherme Sampaio Ferraz. Guilherme Sampaio Ferraz e o Ricardo Donato. O Guilherme Sampaio Ferraz com perfil conservador, coluna social, e estava na chapa de esquerda. O professor Ricardo Donato com um perfil progressista etc e tal, muito ligado aos alunos, homenageado todos os anos pelos estudantes da Faculdade de Medicina, na chapa da direita. E depois surgiu a proposta de fusão apoiada por pessoas ligadas até a correntes progressistas. Na verdade, as pessoas não sabiam como equacionar o problema de ter duas entidades. A dúvida envolveu até mesmo pessoas do Centro Biomédico e da área de Ciências Sociais, (...) e etc e tal. E essa hipótese foi afastada totalmente e eu barrei. Pessoalmente eu cheguei e disse “Não, acabou, não tem como”. Foi minha resposta à pergunta de Guilherme Sampaio Ferraz sobre a possibilidade de fusão das duas entidades, segundo ele, esta era sua função na nossa Diretoria da ASDUERJ. A partir daí, em posição muito digna, ele disse que sua missão tinha fracassado e não mais fazia sentido ir as reuniões da Diretoria. Mas me colocaram na presidência da ASDUERJ e tive certa condição de dizer não. (Entrevista realizada com Ricardo Santos em 02/04/2012)

Ao dialogarmos com a entrevista realizada com o então primeiro vice-presidente da Apuerj, professor Ricardo Donato, tratando da temática também abordada com os professores Ricardo Santos e José Bruno, perguntei sobre a relação entre a fundação da entidade e a relação de poder como a reitoria e se havia sentido uma manipulação por parte do poder quando da movimentação associativa,

Para mim não. Para mim não foi desta forma. Aliás, acho que foi a minha percepção, montar isso não foi claro em nenhum momento não ficou claro em nenhum momento para mim e nem posteriormente. Ninguém me procurou para colocar alguma coisa neste sentido: apoio à reitoria. Quer dizer que o que, na realidade, para mim, naquele momento, se passava, era assim,

a favor ou contra a reitoria, a favor ou contra a isso ou aquilo. Esse tipo de questão a gente não considerava correto de qualquer que fosse o lado ... de se fazer uns contra os outros. Eu acho que não era isso que orientava o movimento estudantil, o movimento docente, eu acho que não era essa disputa interna ... uma disputa nesse sentido. Eu entendi o movimento docente como alguma coisa preocupada com o papel da universidade com a sua, é nesse sentido. Então, a nossa situação era um pouco nesse sentido (...) (Entrevista realizada com Ricardo Donato, em 20/ 03/2012).

Indaguei sobre a construção das duas entidades num mesmo momento e na mesma universidade, na tentativa de levar o prof. Ricardo Donato a marcar ao menos uma diferença política entre as associações e provocar o aprofundamento da sua reflexão sobre este fato, que apresentou a sua visão do período e da situação de dualidade no movimento docente:

na realidade eu não senti esse clima no momento em que as coisas estavam-se passando, se concretizando, digamos, não só que no fim da conta se formou uma entidade com uma chapa única e que havia um movimento para se constituir outra associação depois, posteriormente. Depois de isso passar... eu não estava. Eu achei muito complicado, muito complicado, muito incerto, não havia uma clareza, não havia uma, pelo menos por mim, pela minha parte, não havia uma percepção de que estaria construindo uma associação em contraposição outra associação, quer dizer, isso cria uma situação de conflito de perplexidade até de certa maneira. Você fica um pouco sem chão, sem entender exatamente aquele momento ali dentro. Foi muito confuso para mim. Foi muito difícil também. (Entrevista realizada com Ricardo Donato, em 20/ 03/2012).

É interessante observar as contradições nos relatos sobre as entidades representativas dos docentes, a fala do prof. Ricardo Donato causa um estranhamento ao não indicar que o processo democrático do movimento docente estava sendo tocado pelas mãos da comissão inicialmente formada por Antônio Carlos, Bruno, Ricardo Santos e Waldinez. Parece que haveria condições de perceber, no processo de formação das entidades docentes (Apuerj e Asduerj), as diferentes trajetórias políticas de ambas.

Nesse sentido, uma visão aproximada da disputa política estava viva no panfleto distribuído no dia 03/05/1979 (quinta-feira) em frente ao auditório 71, pelos professores do Instituto de Biologia: Edna Riquelme e Leonardo Moura. Leiam:

Formemos uma Apuerj com diretoria provisória tirada da própria Assembleia de 07 de maio (na ABI), com as lideranças presentes e representantes das diversas unidades da UERJ. As chapas surgirão, as diversas tendências de pensamento se manifestarão e nós, assim, poderemos pouco meses depois, escolher democraticamente aqueles que poderão expressar dignamente os interesses de um corpo docente. Até lá muitos de nós entraremos em sala de aula, sob o peso da vergonha de estarmos permitindo que sejamos manobrados por um grupo que, absolutamente não soube respeitar a dignidade de um corpo docente universitário (Panfleto - arquivo pessoal do prof. Ricardo Santos).

Nesse documento, eles repudiam o golpe dado pela convocação antidemocrática, sem debate e sem participação coletiva, para a fundação de uma “entidade biônica” e reafirmavam a necessidade de criação de uma autêntica associação, no dia 07/05/1979, na ABI (Associação Brasileira de Imprensa).

É preciso lembrar que nesse período os professores poderiam ser demitidos sem uma justificativa. Não havia ingresso por concurso público, as relações de trabalho eram regidas pela CLT, utilizavam a lógica do sistema privado, e existiam alguns casos de perseguição política como nos indica o prof. Ricardo Santos: Uma vez eu encontrei com o prof. Eugênio, que era professor de fisiopatologia, que todo mundo (...) minha cabeça valia prêmio entre a data da fundação da APUERJ à fundação da ASDUERJ até o período da greve.

O depoimento do prof. José Bruno indica outro olhar sobre o clima de perseguição e a atuação dos movimentos sociais na universidade e me faz pensar sobre a força e as possibilidades do movimento docente, pois para o prof. Bruno,

os movimentos sociais acabam protegendo, entende? Até certo ponto, e acham que tem que dar conta respectivamente. Você que já foi de movimento social, você sabe. (...) Então esse foi um segundo fator, ou seja, um fator intrínseco mesmo da universidade, ou seja, o movimento dentro do hospital, dentro da universidade já dava sustentação para você fazer as coisas e até então alguns atos de autoritarismo. É lógico que nesse ritmo aí ... eu já respondi vários inquéritos, entendeu? Comissão de ética, o cara abria contra mim, entendeu? Mas eu já me deparei com ocasião que tinha que me apresentar comissão de ética “Eu não vou lá não” (Entrevista com o prof. José Eustáchio Bruno, realizada em 20/03/2012).

2 A I GREVE DOCENTE NA UERJ (1980)

No final de 1979, os professores da PUC e da UERJ decretaram greve por melhores salários. Na UERJ, havia uma experiência peculiar, devido à existência de duas associações docentes: Asduerj e Apuerj. Essa situação do movimento associativo na universidade levou a um processo riquíssimo de diálogo entre as duas direções e a base social docente. A direção das duas associações participava simultaneamente das assembleias, o prof. Ricardo Santos, presidente da Asduerj sentava-se com o prof. Ivair Itagiba, presidente da Apuerj para conduzir as assembleias. Esse processo vivido na formação dessas entidades e a decretação da primeira grande greve do ensino superior privado foram assim retratados pelo prof. Ricardo Santos:

Essa greve, veja bem, paralisou a universidade sem que fosse preciso fazer muita coisa. Nós saímos para fazer piquete e tudo mais, mas a universidade estava paralisada pelo próprio apelo da circunstância dos salários e tudo o mais. A greve mudou o curso daqueles boatos, daquela boataria, a nossa situação política saiu da água para o vinho (...). Na perspectiva da Asduerj, que tinha a perspectiva de subir o morro, de repente nós estávamos descendo a ladeira em termos de facilidade do movimento. E com a questão sindical se criou uma situação em que

havia duas associações dirigindo este movimento. Era um fato. Não podíamos negar a existência de duas associações. Com duas associações discutíamos como vai ser a assembleia dos professores? Nós tínhamos que convocar a assembleia, e passamos a convocar a assembleia em conjunto e a dirigir as assembleias em conjunto de comum acordo. Então ficava o Ivair na mesa e eu na mesa, (...) (Entrevista com o prof. Ricardo Santos, realizada em 02/04/2012)

Uma questão que merece importância e destaque foi o debate sobre a participação do sindicato dos professores, o Sinpro/RJ na mesa das assembleias. Esse processo de debates e disputas em torno do sindicato fortaleceu a perspectiva de debate político de atuação na base da categoria e de dualidade de posições políticas e ideológicas entre as respectivas direções, observemos o relato de Ricardo Santos.

Por exemplo, a participação na mesa do sindicato dos professores, então o Ivair encaminhou contra a participação na mesa, do sindicato dos professores. A APUERJ foi contra e nós, fomos a favor. Nós tivemos que colocar isso em votação. Ao colocar isso em votação, que foi uma vitória esmagadora (...). O sindicato veio sentar na mesa como quem estava dirigindo, na realidade, aquela luta (...). Nós começamos a perceber que havia um processo ali de esclarecimento, de conscientização a mais, que era a existência das duas entidades juntas com a visibilidade de sua atuação para os docentes. Quer dizer, que o pessoal, os docentes dali eles podiam ver as duas associações com as suas propostas completamente distintas de imediato, como essa votação da presença do sindicato ou não (...) (Entrevista com o prof. Ricardo Santos, realizada em 02/04/2012).

A atuação das entidades nas assembleias e nas lutas coletivas em torno do dissídio coletivo, naquele período histórico, é interessante porque reforça uma perspectiva política que mostra que a atuação diferenciada das duas entidades levou a uma maior experiência política da base docente, pois num curto espaço de tempo, a categoria realizava a sua experiência política por uma das associações, observemos a leitura de Bruno.

O que eu me lembro bem, e aí o Ricardo Santos vai concordar, é que a medida que a gente avançava, entendeu, como uma luta mais consequente da Asduerj, a outra foi paulatinamente esvaziando, entendeu. Até sumir, entendeu? Foi uma coisa quase que natural. (Entrevista com o prof. José Eustáchio Bruno, em 02/04/2012).

Ao mencionar as assembleias, a greve e as lutas sociais desenvolvidas naquele momento, perguntei ao prof. Ricardo Donato se ele se lembrava desse processo. Ele respondeu:

Não lembro exatamente. Você falando, eu vou aqui pegando alguns pontos, mas não tenho uma lembrança mais presente. Não, não tenho. Não teria muito que falar sobre, realmente me falha no ponto de vista de memória (Entrevista realizada com o prof. Ricardo Donato em 20/03/2012).

A greve durou cerca de um mês e “a luta concreta, que paralisou toda a UERJ e outras universidades mostrou quem defendia os docentes e quem vinha para dissuadi-los das lutas específicas e gerais da época” (SANTOS, 2010, p.9. Revista Advir 24).

Esse processo de disputa sindical em torno da greve e a dualidade de direção política, segundo Santos, “fortaleceu a Asduerj e caracterizou a Apuerj como linha auxiliar da reitoria, condenando-a à extinção no nascedouro” (SANTOS, 2010, p.9 Revista Advir 24).

Em novembro do mesmo ano, foram realizadas eleições diretas para nova diretoria da Asduerj. Acerca da (extinção) da Apuerj perguntamos ao seu ex-vice-presidente e o responsável pela sua extinção, os motivos que o levaram a decretar juridicamente o fim da entidade. A interessante explicação, reinsere esse ator social num contexto político, de acordo com o caminhar do movimento, diferente de suas posições e opções durante a fundação das duas entidades e mais de acordo com o seu passado de dirigente do centro acadêmico de medicina, o prof. Ricardo Donato se posicionou do seguinte modo:

Porque, com o passar do tempo, ficava claro que a existência de duas associações não era? E que a liderança do movimento docente estava constituída em torno da Asduerj, então não tinha mais porque manter duas associações e manter a Apuerj. Não tinha essa razão para estar apoiando uma divisão interna, para estar trabalhando, é o contrário (Entrevista realizada com o prof. Ricardo Donato, em 20/03/2012).

3 (IN)CONCLUSÃO PROVISÓRIA

Os primeiros meses de 1979 foram marcados pela fundação da Asduerj e pelas ações políticas durante a grande greve da categoria no ensino superior, politicamente demarcando os dois lados dos campos políticos das entidades.

As lutas sociais e políticas contra as precárias relações de trabalho e contra o autoritarismo vão transformar esses “homens-massa” em sujeitos sociais do seu próprio processo histórico. A experiência coletiva desenvolvida no processo de lutas durante a greve docente possibilitou a construção de uma identidade social própria. Se antes era um conjunto de “meros” professores isolados em suas respectivas unidades, agora cria-se uma perspectiva social para vir a ser uma categoria capaz de se autoconstruir docente (professor-pesquisador) e de criar efetivamente uma universidade. A formação do movimento associativo da categoria docentes e a mobilização em torno da greve universitária dos professores em 1980 possibilitaram a consolidação da Asduerj como entidade representativa dessa importante categoria social.

REFERÊNCIAS

- AUGRAS, Monique. História oral e subjetividade. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von.(org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Experiência do Movimento Operário*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4^a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MANCEBO, Deise. *Da gênese aos compromissos*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- MANCEBO, Deise; FÁ VERO, Maria de Lourdes de Albuquerque (orgs.) *Universidade: políticas, avaliação e trabalho docente*. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- NISKIER, Arnaldo. *Sempre, de sempre. Correspondência com João Lyra filho: uma contribuição à história da UERJ*. Rio de Janeiro: Edições Consultor, 2000.
- RAMADON, Luís Fernando. *UERJ: uma história apaixonante*. Disponível em: <http://lframadon.sites.uol.com.br/> Acesso em: 20/08/2012
- REVEL, Jacques. *Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado*. Revista Brasileira de Educação V.15 n.45 set/dez 2010.
- REVISTA ADVIR, Rio de Janeiro, nº 24, julho/2010.
- SANTOS, Andrea Paula. *Objetividade Histórica, subjetividade exposta: o Trabalho de campo em história oral de vida com militares de esquerda*. In: *REVISTA NEHO-HISTÓRIA*. Número 0. São Paulo: Logaria brasileira, 1998
- SANTOS, Ricardo. *UERJ e ASDUERJ. Elementos para uma análise crítica da UERJ- Pela reestruturação da Vida Universitária*. Mimeógrafo. 1982.
- SGUSSARDI, Valdemar. *Comunicado Importante. Memórias da Resistência*. Piracicaba: Editora Jacintha Editores, 2007.
- THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Vol. I. *A árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *A formação da classe operária inglesa. Vol. II. A Maldição de Adão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *A formação da classe operária inglesa. Vol. III. A força dos Trabalhadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *A miséria da teoria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- _____. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

ENTREVISTAS

Entrevista realizada com Ricardo Donato, em 20/03/2012.

Entrevista com o prof. Ricardo Santos realizada em 02/04/2012

Entrevista realizada professor José Eustáchio Bruno em 01/05/2012

FONTES

Panfleto - arquivo pessoal do prof. Ricardo Santos.

Jornais - Fonte: Arquivo do Sinpro/RIO)